



ENTREVISTA COM

Adalgiso Telles

**DIRETOR DE ASSUNTOS
CORPORATIVOS DA BUNGE**

O senhor poderia falar um pouco sobre a história da Bunge no Brasil e seu relacionamento com a China?

O Brasil apresenta uma tradição relevante em operações de commodities agrícolas, e a Bunge é uma empresa de agronegócio e alimentos que tem um viés principalmente exportador. Estamos no Brasil desde 1905, onde a empresa cresceu consideravelmente em diversos segmentos, sobretudo no que chamamos de agronegócio expandido, cabendo ressaltar que contamos com uma plataforma processadora no mercado doméstico muito forte.

No entanto, o principal resultado da empresa advém das exportações. No período entre 2009 e 2010, por exemplo, a Bunge teve um faturamento na ordem de 15 bilhões de dólares no Brasil, sendo que metade desse valor vem das exportações, especialmente da soja e seus derivados, como farelo e óleo.

Fazendo uma retrospectiva dos últimos 10 anos, o grande cliente era o bloco europeu, mas, recentemente, a China tem apresentado uma alta taxa de crescimento, ganhando um peso cada vez maior no que diz respeito às exportações.

Por ser uma trading global, a Bunge apresenta uma relação direta com a China, que se dá normalmente via operações internacionais da empresa, que por sua vez são sediadas no escritório central em Genebra, onde é criado o casamento ideal entre processamento e consumo. Por exemplo, é possível exportar para a China por meio do Brasil, dos EUA ou da Argentina, transitando pelos portos que apresentem as melhores condições na relação custo/benefício para chegar ao cliente final.

Poderíamos dizer, então, que a Bunge apresenta um processo de otimização contínua?

Exatamente. A Bunge acaba sendo um grande operador logístico. No Brasil, a produção da empresa não é diretamente dedicada para a China e, sim, visa atender aos mercados com melhores condições de custo e benefício. Por exemplo, em um dado momento, pode ser mais interessante enviá-la para a Europa em função do custo de frete, disponibilidade e preço. E assim, podemos acabar por enviar produtos para a China pelo Pacífico, via costa oeste dos Estados Unidos. Contudo, de forma objetiva, a China, hoje, é o principal cliente individual da Bunge do Brasil.

Como se dá exatamente a comercialização de milho com a China?

Nós enviamos o milho e o processamos na China. Costumamos receber representantes do governo chinês, que percebem o Brasil principalmente como um parceiro exportador de grãos,

enquanto a parte de processamento seria feita preferencialmente na China, por gerar emprego e renda para o país. Desta forma, os chineses trazem de fora uma matéria-prima importante e pouco cultivada internamente, para transformá-la em derivados, como óleos e alimentos.

Se a comercialização do milho fosse puramente uma decisão comercial, por questões de preço, o processamento seria feito no Brasil?

Fazendo um retrospecto de curto prazo, vemos que a Bunge tem hoje relações com mais de trinta países. A empresa visa utilizar seu processo produtivo nos lugares onde possa encontrar os menores custos, seja para processamento, transportes ou outras etapas da produção. Então, como nestes quase duzentos anos a empresa já possui uma série de operações estabelecidas, seria mais interessante, do ponto de vista econômico, originar em países como Brasil, Argentina e Estados Unidos.

O senhor comentou que cerca da metade da produção da Bunge no Brasil é exportada. Levando em conta que os chineses preferem importar matéria prima para o processamento interno, pode-se dizer que a Bunge China acaba sendo o principal cliente da Bunge Brasil?

Individualmente, sim. O principal destino exportador tem sido a China.

De que forma a Bunge vê a entrada dos chineses no mercado de soja no Brasil e principalmente, da Chongqing Grain Group no nordeste?

Não vemos como problema. A nossa preocupação é que o mercado esteja aberto a todos para privilegiar a questão da competitividade. Outro ponto que a Bunge olha com atenção especial, não somente como uma política da empresa, mas também como uma estratégia de negócio competitivo, é a questão da promoção do desenvolvimento sustentável. Esse é um ponto muito relevante, no qual firmamos uma série de compromissos e pactos, tanto com a sociedade quanto com o governo bra-

sileiro, por meio do Ministério do Meio Ambiente, da Embrapa e do próprio Ministério da Agricultura.

Dessa forma, a Bunge Brasil conta com projetos de sustentabilidade, como no caso da moratória da soja do Rio Amazonas, no qual criamos um processo de governança de desenvolvimento sustentável para a região. Além disso, a Bunge está envolvida em outros projetos de sustentabilidade, como na produção sustentável de alimentos na região do cerrado.

Essa questão da sustentabilidade é um elemento realmente muito importante, uma vez que já se estima que, entre hoje e 2050, a população mundial passe de 7 bilhões para 9,2 bilhões de habitantes, conforme o último estudo feito pela FAO. E é importante perceber que existe uma mudança de perfil muito significativa porque se olharmos há 100 anos, havia 2,5 bilhões de habitantes, e aproximadamente 70% da população era rural. E as projeções para 2050 indicam que 70% da população será urbana. Isso muda não só a questão de poder aquisitivo, mas também o perfil de consumo e de processo produtivo, sendo que a China representa uma parcela considerável no surgimento desse fenômeno.

Então com essa mudança de perfil, é possível perceber que a produção nos próximos 40 anos deverá equivaler ao mesmo volume que foi consumido pela humanidade nos úl-

“

FAZENDO UMA RETROSPECTIVA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS, O GRANDE CLIENTE ERA O BLOCO EUROPEU, MAS, RECENTEMENTE, A CHINA TEM APRESENTADO UMA ALTA TAXA DE CRESCIMENTO, GANHANDO UM PESO CADA VEZ MAIOR NO QUE DIZ RESPEITO ÀS EXPORTAÇÕES.

timos 10.000 anos, o que representa um impacto brutal, mostrando a necessidade de um cuidado especial com a produção de alimentos. Considerando a tecnologia atualmente disponível no mundo, existem capacidades limitantes.

Por exemplo, para se produzir alimentos em escala da forma convencional, é necessário o uso de fertilizantes, como o famoso complexo NPK de nitrogênio, fósforo e potássio. Todos esses elementos vêm de processos de mineração e de extração. O nitrogênio vem principalmente da amônia e de derivados de petróleo, que vêm do solo; o fósforo e o potássio vêm basicamente de minas, e muitas delas de profundidade superior a mil metros, sendo que o potássio representa outro problema para o Brasil, devido à escassez do elemento no país.

E como o Brasil se posiciona em termos de competitividade por terra no mundo?

Esse tema é hoje uma questão de prioridade. No caso dos EUA, toda a área agrícola já está ocupada, e só haveria uma solução: reduzir o plantio de um tipo de grão em detrimento de outro.

Com relação à Europa, ocorre o mesmo. No velho continente, quase não sobrou nada. Há alguns pontos de vegetação nativa que são conservados, mas praticamente toda a área agrícola disponível já está ocupada.

Em relação à Ásia, como no caso da antiga União Soviética e do norte da China, é importante atentar para o problema do frio, que perdura por longos períodos e prejudica a atividade agrícola. Na China, por exemplo, existe a questão da disponibilidade de água como outro grande problema. No norte do país, por exemplo, além da questão das baixas temperaturas, os lençóis freáticos são muito baixos, e tendem cada vez mais a diminuir. Há também outro agravante, relacionado à má distribuição de nutrientes no solo, que representa outro desafio.

Então, juntando isso com outras partes do globo, observamos o extre-

mo sul, como no caso da Austrália, que apresenta uma vasta região desértica, e a África, que apesar de ter terras magníficas, tem problemas geopolíticos permanentes, sendo sempre um investimento de risco por não possibilitar a formação de uma estabilidade significativa no curto e médio prazo.

Uma exceção seria o Brasil, que apresenta grandes volumes de água doce, além de ter um clima magnífico e uma terra muito interessante, que produz três ou mais safras por ano.

E como o senhor avalia a logística para o escoamento dos grãos do Brasil para a China?

Em muitos pontos relevantes a essas atividades o Brasil ainda apresenta gargalos sérios, como no caso da logística, que afeta profundamente a questão agrícola brasileira, justamente por contar com uma matriz invertida. Nos EUA, por exemplo, a produção é largamente escoada pelo meio aquaviário, como no caso do Mississipi, enquanto no Brasil ainda é utilizado majoritariamente o sistema rodoviário. Este, além de ser poluente e de baixa capacidade, utiliza uma estrutura logística muito deficiente, o que comumente leva a desperdícios da produção agrícola, na faixa dos 3% a 8% nas estradas, representando um número absurdo para um país com quase 150 milhões de toneladas de produção por ano.

Levando em conta uma média de 5% de desperdício, haveria algo em torno de 4 bilhões de dólares por ano só de perdas de produtos agrícolas. Existe também outro problema na parte de infraestrutura logística, representado pelos portos brasileiros, sendo que essa ineficiência já trouxe despesas na ordem de 1 bilhão de dólares ao agronegócio brasileiro.

Esses gargalos dependem inteiramente do Brasil, uma vez que o país deve melhorar com urgência sua infraestrutura para conseguir exportar mais, ou seja, é uma questão interna. Além disso, existem outros gargalos, como a insegurança jurídica, especialmente do ponto de vista das mudanças em re-

lação à carga tributária, o que faz com que o Brasil frequentemente beneficie importações em detrimento de exportações.

Quais são as perspectivas futuras da Bunge na relação Brasil-China, ou em relação à China, nos próximos 5 -10 anos?

As perspectivas são as melhores possíveis. A China é um país que tem crescido a uma taxa absolutamente atípica com relação ao resto do mundo. Antes da crise, o crescimento girava acima de 20% ao ano e mesmo com a crise internacional continuou relativamente alto, cerca de 8%, o que é excepcional para um mundo em recessão. Além disso, é um país que conta com uma população que está aumentando seu poder aquisitivo e seus padrões de consumo; uma economia que tem mostrado um vigor contínuo, e que não teme os altos e baixos de outras economias. É um país que tem sua política econômica sob controle, muito bem organizada e estruturada, o que faz com que a China tenha um grande potencial de crescimento. Por outro lado, o Brasil apresenta um potencial de produção de alimentos excepcional, o que possibilita aos dois países uma parceria proveniente da existência de demandas complementares.